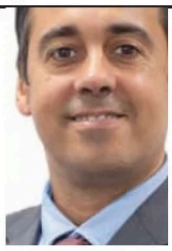


PAULO CARMONA



PEDRO BRINCA

A pobreza da atenção

PEDRO BRINCA

Os alunos portugueses de 15 anos leem pior do que os de 2000 e fazem contas abaixo dos de 2003. Em 10 anos, o PISA tirou-nos 36 pontos em leitura e 32 em matemática, mais de um ano de escola de acordo com a OCDE. Caímos mais do que a média da OCDE nas três áreas: em 2015 estávamos acima dela, hoje estamos em cima dela. João Costa, oito anos e meio na Educação, não se escondeu: "Seria absolutamente irresponsável da minha parte não assumir responsabilidade." Mas assumir não é explicar. Nuno Crato aponta as "facilidades" desde 2016: fim das provas do 4.º e 6.º anos, aprendizagens essenciais em vez de metas, menos avaliação. A imigração pesa — os imigrantes pontuam 39 pontos abaixo dos nativos —, mas a queda começou antes dela. E há dois sinais nossos: só 13% dos alunos estão em escolas sem falta de professores, menos de metade da média da OCDE; e um quarto em escolas que proíbem telemóveis, contra metade lá fora.

Mas o problema não é só português. A média da OCDE está no mínimo de sempre nas três áreas: a leitura atingiu o máximo por volta de 2012 e desde 2015 perdeu 28 pontos; a matemática, 22. A queda é maior nos textos longos e, pormenor incómodo para quem culpa a pobreza, os favorecidos caem mais do que os desfavorecidos. Luis Garicano lê isto como economia da atenção. Do lado da oferta, o custo de oportunidade da atenção disparou: 80% dos alunos passam mais de uma hora por dia em redes sociais e 28% dizem-se distraídos pelos ecrãs na maioria das aulas. Do lado da procura, a inteligência artificial retira valor a prestar atenção: para quê, se a máquina faz o trabalho? Um estudo com 26 mil alunos chineses mostra-o: com IA, as notas dos trabalhos de casa sobem 18%, mas as dos exames sem consulta caem 20% e as de acesso ao secundário 24%. Quem usa a IA sem encurtar o tempo de estudo tem os mesmos resultados de quem não a usa. O que a IA rouba não é o conhecimento: é o esforço.

Há uma exceção: a Turquia, único membro da OCDE que subiu nas três áreas em 10 anos. Sem milagres: duplicou os professores em vinte anos e 83% dos alunos estão em escolas sem telemóveis. Mais escola e menos ecrã: é a única forma de comprar atenção. Portugal proibiu os smartphones até ao 6.º ano em 2025 e alarga ao 9.º em 2027. Falta o resto: currículo exigente, avaliação e professores. A "hombridade" que o primeiro-ministro elogiou em João Costa vale pouco se ficar sem resposta. ■

"A riqueza de informação cria uma pobreza de atenção."

HERBERT SIMON
1971